

CONTRA A DEGENERAÇÃO DA MORALIDADE CRISTÃ: ANTICOMUNISMO NA IMPRENSA RELIGIOSA DE CUIABÁ – MT (1930-1937)

AGAINST CHRISTIAN MORALITY DEGENERATION: ANTICOMMUNISM IN THE RELIGIOUS PRESS OF CUIABÁ - MT (1930-1937)

Rafael Adão¹

Resumo: A proposta deste trabalho visa analisar as posições anticomunistas de parte da imprensa religiosa de Cuiabá-MT, por meio do periódico católico *A Cruz* e do presbiteriano *A Pena Evangélica*, perante o cenário político dos primeiros anos do governo Vargas, nos anos de 1930 até sua escalada autoritária consumada com o golpe de 1937. A análise proposta está em diálogo com o historiador francês, Rauol Girardet, para compreensão das construções de mitos políticos e conspiratórios contra essa *outra* expressão política, o comunismo, assim como, tudo aquilo que ela representava, contestava e repercutia.

Palavras chaves: Anticomunismo. Construções Mitológicas. Imprensa Religiosa.

Abstract: The purpose of this work is to analyze the anticommunist positions of part of the religious press in Cuiabá-MT, through the Catholic periodical *A Cruz* and the presbyterian *A Pena Evangélica*, in view of the political scenario of the first years of the Vargas government, in the 1930s until its authoritarian escalation consummated with the 1937 coup. In dialogue with the French historian Rauol Girardet, the aim is to understand the constructions of political and conspiratorial myths against this *other* political expression, communism, as well as everything that it represented, challenged and reverberated.

Keywords: Anticommunism, Mythological Constructions and Religious Press.

Introdução

O âmbito do político não é um espaço restrito às percepções racionais e pragmáticas, conduzido apenas pelas estratégias e disputas em torno do poder. Imerso na realidade global da sociedade, o universo político é embriagado de cores, símbolos, tradições, sonhos, utopias, ódio, ressentimentos e paixões. É nesse sentido que historiadores como René Rémond (2003) e Serge Bernstein (1988) defenderam a tratativa dos estudos sobre o político em vigoroso diálogo com as diversas dimensões sociais, inclusive a cultural. Pois, as fronteiras do político não estão cercadas por uma muralha que o separa do inconsciente e das

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT e Gerente de Documentação e Arquivo do Ministério Público do Estado de Mato Grosso.

emoções coletivas. É uma realidade de consistência própria, mas conectada e influente sobre toda a esfera privada e pública da sociedade.

O historiador francês Raoul Girardet é outra relevante referência dessa perspectiva. Seus estudos, em “Mitos e Mitologias Políticas” de 1987, contribuíram com instigantes análises sobre a constituição de narrativas mitológicas acerca das realidades sociais e políticas. O autor acredita que os mitos políticos sejam construídos de forma mais intensa em momentos de profundas transformações, como as rupturas políticas, revoluções, contrarrevoluções ou no estabelecimento de governos totalitários. Dessa maneira, defende que o surgimento e a dinâmica dos mitos políticos ocorrem prevalentemente como resposta e explicação aos momentos de grandes crises, disputas e conflitos sociais, a fim de estabilizar ou mesmo provocar as transformações da ordem corrente.²

A primeira metade do século XX foi um desses momentos de crise, onde, de acordo com o historiador Eric Hobsbawm, ocorreu o profundo desgaste das ideologias e instituições políticas da sociedade liberal burguesa do século XIX³. No Brasil, esse contexto se constituiu em grandes tensões perante uma República pressionada internamente por movimentos que reivindicavam renovações ou rupturas com as antigas expressões oligárquicas nacionais e regionais. Dentre essas tendências de ruptura, surge, em 1922, o Partido Comunista do Brasil (PCB), ligado à III Internacional, refletindo não apenas o anseio por mudanças na composição política brasileira, mas também aspirações revolucionárias de inspiração marxista-leninista e em contestação às bases econômicas e sociais capitalistas.

É nesse contexto de intensas mudanças e rearranjo das forças políticas e sociais que este artigo se dedica aos anos de 1930 a 1937. Período marcado pela inserção de novos protagonistas políticos como o movimento tenentista⁴ que impulsionou o declínio dos governos oligárquicos que dominavam a política nacional desde o final do século XIX. Com o auxílio do movimento tenentista, Getúlio Vargas, candidato derrotado nas eleições de 1930, assumiu, em novembro de 1930, como presidente de um governo provisório, após a deposição de

2 GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

3 HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XX, 1914-1991*. Companhia das Letras, São Paulo, 2013, p. 112.

4 Articulado a partir da década de 1920, esse movimento reuniu diversos setores insatisfeitos e em oposição ao domínio político oligárquico dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Foi composto por militares e civis, como: soldados e oficiais militares, em geral de baixa patente, que defendiam profundas mudanças no sistema político em vigor; políticos e representantes oligárquicos dissidentes e insatisfeitos com o governo; camadas médias urbanas; e também contou com o apoio da imprensa oposicionista. Cf. PRESTES, Anita Leocádia. *Os militares e a reação republicana: as origens do tenentismo*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 16-19.

Washington Luís, marcando o fim da caracterizada República Oligárquica. Posteriormente, Vargas governou o país de forma contínua até o ano de 1945 e em três fases⁵, seu governo implementou medidas cada vez mais autoritárias, principalmente a partir de 1935, até a instituição de um regime ditatorial, entre os anos de 1937 à 1945.

Esse regime foi autodenominado de Estado Novo e foi instaurado, sobretudo, sob a justificativa de impedir a ascensão do comunismo na sociedade brasileira. Assim, o Estado Novo em associação a diferentes setores sociais e políticos propagaram sistematicamente um processo de oposição aos anseios revolucionários do comunismo, assinalando um enfrentamento ativo denominado de *anticomunismo*. Essa ação oposicionista propagou uma série de mitos sobre o comunismo e seus partidários, alastrando um antagonismo que circunscreve por diversos anos a história política brasileira.

Segundo Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva, no século XIX, diante do quadro de exploração dos trabalhadores, reflexo da Revolução Industrial, os ideais comunistas ganharam destaque entre alguns pensadores⁶. Mas a partir de Karl Marx e Friedrich Engels se construiu um pensamento teórico comunista coligado a uma ação política prática e revolucionária que ansiava suplantar o capitalismo. É o denominado “socialismo científico”, distinto das propostas utópicas que acreditavam na passagem impassível entre o modelo capitalista para o comunismo⁷.

As ideias e propostas do comunismo repercutiram na concretização de importantes lutas e movimentos políticos e sociais, como a Revolução de Outubro na Rússia de 1917. Já o mundo ocidental e capitalista do século XX tratou o comunismo como uma grande ameaça a ser combatida:

5 A primeira fase do governo de Getúlio Vargas é denominada de governo provisório (1930 – 1934) e se sustentou até a formação de uma Assembleia Constituinte, em 1933, após intensos conflitos da Revolução Constitucionalista de 1932. A referida assembleia conduz Vargas para um novo governo de mais quatro anos, marcando a fase do governo constitucionalista, mas que foi interrompida em novembro de 1937, quando Getúlio Vargas fecha o congresso nacional e as assembleias estaduais e instaura o governo autoritário autodenominado Estado Novo que se estendeu até 1945. Cf. PANDOLFI, Dulce. “Os anos a 1930: as incertezas do regime”. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano – O Tempo do nacional-estatismo, do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

6 O comunismo possui princípios que são encontrados desde a Antiguidade, ou ainda no Cristianismo Primitivo, estabelecendo a defesa de uma vida comunitária e combate à doutrina de riqueza e acumulação incessante de bens. Na Idade Moderna, diante da ascensão da burguesia, intelectuais como Thomas More (1478-1535) pensaram na possibilidade de construir uma sociedade utópica e sem propriedade privada, que deveria pertencer ao Estado, e onde os trabalhadores viveriam apenas para a sua subsistência. Cf. SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique; *Dicionário de Conceitos Históricos*. 2.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009, p. 70-74;

7 *Idem*.

O que para algumas pessoas era a concretização de um sonho dourado, para outras era um pesadelo tomando formas reais. O comunismo despertou paixões intensas e opostas: de um lado, o dos defensores, encaravam-no como revolução libertadora e humanitária, que abriria acesso ao progresso econômico e social; de outro ponto de vista, o dos detratores, viam-no como uma desgraça total, a destruição da boa sociedade e a emergência do caos social e do terror político⁸.

No Brasil, a Revolução Russa inspirou diversas organizações operárias e movimentos anarquistas e socialistas, tendo inclusive influenciado as grandes manifestações de greves de trabalhadores, entre os anos 1917 e 1920.⁹ De acordo com Moniz Bandeira, Clovis Mello e A.T. Andrade, na obra “O ano vermelho”, esse alcance se expressou inicialmente de maneira confusa, pois proletariados e lideranças socialistas, em sua maioria ligadas ao movimento anarquista, não assimilaram de forma imediata as propostas dos bolcheviques russos. O desconhecimento das diretrizes de Marx e Engels gerou uma ambiguidade de concepções que incluíam o anarquismo de M. Bakunin e Kropotkin e o comunismo utópico. No entanto, a revolução bolchevique trouxe vigor às lutas operárias brasileiras, introduzindo gradativamente novas ideias e estratégias da agenda revolucionária comunista.¹⁰

Por outro lado, a reação à Revolução proletária russa foi imediata em diversas partes do mundo: corporações industriais, imprensa burguesa, potências imperialistas liberais, bem como a elite dominante brasileira, objetivaram reprimir com agressividade a propagação da revolução. Reação essa que ocorreu seja internamente em seus países, reprimindo os movimentos revolucionários internos.¹¹ Seja por meio do patrocínio financeiro e bélico do Ocidente às forças contrarrevolucionárias russas, durante a Guerra Civil de 1918 a 1920.¹²

Essa oposição entre os adeptos do comunismo e os anticomunistas se deflagrou em quase todo século XX, influenciando significativamente os rumos políticos de diversas partes

8 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho – O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 2000, p. 5.

9 Uma série de greves e levantes promovidas por trabalhadores, originadas de forma espontânea e sem um plano ou direcionamentos bem definidos e organizados, repercutiram pelo país entre os anos de 1917 e 1920, em Estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco e inclusive Mato Grosso. Tais manifestações se estabeleceram em um momento de crescimento dos centros urbanos e industrialização brasileira estimulada pela Primeira Guerra Mundial. Patrões e donos das fábricas impuseram um processo de exploração violenta sobre a massa de operários, criando um contexto de insatisfação geral dos trabalhadores. Cf. BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis; ANDRADE, A. T. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. 2ª ed. Brasiliense: São Paulo, 1980, p. 51.

10 *Idem*, p. 140-146.

11 Cf. BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis; ANDRADE, A. T. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. 2ª ed. Brasiliense: São Paulo, 1980, p. 48-72.

12 Cf. HOBSBAWM, Eric. *Op. cit.*, 2013, p. 70.

do globo,

No decorrer do século XX, o conflito opondo comunismo e anticomunismo ocupou posição central, colocando-se como elemento destacado na dinâmica política, cultural e nas relações internacionais. Não é possível compreender os acontecimentos mundiais dos últimos decênios sem levar em consideração os embates em torno da utopia comunista.¹³

Para a historiadora Carla Luciana Silva, a reação e preocupação perante a consolidação da Revolução Russa e instituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) foi imediata, na década de 1920, por parte dos setores dominantes da sociedade brasileira, como: o Estado, políticos, pensadores, empresários e a Igreja Católica. No entanto, a historiadora acredita que o anticomunismo no Brasil se intensifica a partir de 1930, ganhando formas mais claras e vinculadas a uma tradição *conservadora* e *autoritária*. Isso tudo, situado em um contexto onde o governo e outros setores dominantes da sociedade ansiavam controlar as reivindicações dos trabalhadores brasileiros.¹⁴ Esses setores compartilhavam da visão de que era preciso constituir o domínio das “massas”, institucionalizando suas organizações junto ao Estado¹⁵, a fim de impedi-las de compartilhar ideias revolucionárias e questionadoras do *status quo*, ideais estes representativos do comunismo.

Em geral, conservadores e anticomunistas brasileiros temiam que a ascendente população de trabalhadores urbanos se alinhasse plenamente às organizações sindicais e aos movimentos políticos de esquerda. Diante disso, compreendiam que era preciso controlar as “massas”, em sintonia com as políticas do Estado. O intuito era forjar a harmonia social em oposição ao comunismo e às propostas que desafiassem a sustentação de uma ordem social historicamente excludente.¹⁶

Precisamente, durante os governos de Getúlio Vargas, nas décadas de 1930 e 1940, o anticomunismo fez parte de um projeto político e social extremamente conservador, “avesso à convivência pluralista e diversificada”¹⁷ e que ambicionava forjar uma unidade nacional sem conflitos e discordâncias. O objetivo era promover a homogeneização da moralidade, da cultura, da língua, da ideologia e a “eliminação de quaisquer formas de organização autônoma”

13 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.*, p. 5-6.

14 SILVA, Carla Luciana. *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros*. Porto Alegre: Ed. PUC-RS, 2001, *grifo nosso*.

15 Cf. GOMES, Angela De Castro. “Trabalhismo e Corporativismo”. In.: _____. *A Invenção do trabalhismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 237-264.

16 SILVA, Carla Luciana. *Op. cit.*, p. 47.

17 SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984, p. 181.

e que não estivessem alinhadas ao Estado¹⁸, principalmente o comunismo.

Todavia, não apenas o Estado objetivou promover esse projeto de identidade nacional uniforme e autoritária, tal visão também era difundida e assimilada por integrantes religiosos, intelectuais, partidos, movimentos políticos e pela imprensa. Assim, cresceu o apoio entre as representações conservadoras da sociedade pela instituição de um Estado antidemocrático e “forte”, capaz de reprimir e afastar as vozes discordantes e destoantes do domínio hegemônico vigente no país.

Também durante o governo Vargas o anticomunismo fez parte de um projeto de autoritário sobretudo após as insurreições de novembro de 1935, nas cidades de Natal-RN, Recife-PE e Rio de Janeiro-RJ. Esses levantes foram liderados pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) e pelo PCB, contando com a articulação de Luiz Carlos Prestes junto a militares tenentistas. As ações e conflitos se desenvolveram com o objetivo de iniciar um processo revolucionário. Contudo, tais levantes não obtiveram êxito e, com exceção do movimento em Natal, contaram com pouco apoio popular, mas todos eles foram desarticulados e fortemente reprimidos.¹⁹

Após esses eventos e sob a alegação de impedir a ação do comunismo, mas também estendendo sua repressão contra qualquer outra oposição ao seu domínio, Vargas e seu governo progressivamente impuseram medidas de exceção. Com o apoio do Congresso, o governo decretou o estado de sítio e a criação de uma instância jurídica de exceção, o Tribunal de Segurança Nacional. Dessa maneira, o governo conseguiu reprimir às forças políticas descentralizadoras e aquelas que ansiavam por ações liberalizantes, permitindo, sem obstáculos, a instauração de um regime ditatorial em 1937.²⁰

Contudo, entende-se que o anticomunismo não foi produzido de forma estritamente consciente, como um “artifício” puramente estratégico pelas forças políticas. Mas, em diálogo com Raoul Girardet²¹, é possível também compreendê-lo como uma construção mitológica que investiu sobre o *outro* uma construção narrativa conspiratória. Essa “trama” imagética e simbólica incorporou elementos do imaginário ocidental, já há muito tempo difundidos e envoltos dos medos mais profundos e inconscientes da sociedade. Compreende-se, portanto,

18 *Idem*, p. 181-182.

19 VIANNA, Marly de Almeida G. “O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935”. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano – O Tempo do nacional-estatismo, do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2ª. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

20 D'ARAÚJO, Maria Celina Soares. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 19.

21 GIRARDET, Raoul. *Op. cit.*

que as narrativas mitológicas anticomunistas criadas historicamente no Brasil possuem aspectos subjetivos com o poder de influenciar e trazer explicações sobre os acontecimentos, crises e tensões políticas e sociais.

Para a difusão dessas narrativas, entende-se que os periódicos se constituíram como instrumentos privilegiados na difusão do anticomunismo e, portanto, dentro de um percurso metodológico, são fontes e objetos de pesquisa fundamentais para compreender sua difusão e construção mitológica. Assim, esta articulação propõe analisar as construções mitológicas sobre esse *outro*, o comunismo, destacando dois jornais religiosos, o católico *A Cruz* onde identifica-se uma série de textos de expressão anticomunista. Conforme Rodrigo Patto Sá Motta²², historicamente o catolicismo é a matriz conservadora do anticomunista de maior expressão e amplitude no Brasil, assim este artigo propõe a análise das falas anticomunistas de um relevante jornal católico local.

O outro impresso selecionado é o presbiteriano *A Pena Evangélica*, pois é oportuno que as pesquisas sobre o anticomunismo também ambicionem compreender a inserção de outras instituições, grupos e movimentos neste debate, como as diversas denominações protestantes ou evangélicas, religiões que aliás estão em ascensão política e social no país. No caso deste estudo, identificou-se que a Igreja Presbiteriana de Cuiabá, por meio de seu jornal, *A Pena Evangélica*, imputou forte empenho no combate ao comunismo.

Ao avaliar os periódicos religiosos selecionados, o objetivo é estar atento para: sua intencionalidade, seus posicionamentos políticos, sua articulação com movimentos sociais e sua repercussão social. É um exercício de historicizar a fonte, definindo suas escolhas e suas funções sociais²³ e atento às especificidades de cada um dos jornais religiosos selecionados.

De acordo com Jean-François Sirinelli, jornais e revistas são projetos coletivos, resultados da união de várias pessoas em torno de crenças, ideias e valores em comum.²⁴ Portanto, os periódicos devem ser avaliados sob inúmeros aspectos, e não apenas sob o ângulo de seus escritores e textos. Por conseguinte, algumas questões são fundamentais a serem avaliadas no processo investigativo das publicações, como: I) seu financiamento; II) sua linguagem; III) suas peças publicitárias; IV) que grupo(s) o(s) representava(m) e os intelectuais associados; V) sua tiragem; VI) para qual grupo social era dirigido; e VII) sua periodicidade.

22 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.*

23 DE LUCA, Tania Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. Editora Contexto, São Paulo SP; 2008, p. 132.

24 SIRINELLI, Jean-François. "Os Intelectuais". In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV editora, 2003, p. 249.

Abrancando essa metodologia, apresenta-se de forma mais detalhada os periódicos selecionados:

A cruz e a reação católica contra o comunismo e o mundo moderno liberal



Imagem 1: Grafia do título do Jornal *A Cruz* em 1939, Caderno: 1375, 12 fev. 1939.

O Jornal *A Cruz* (Órgão da Liga do Bom Jesus - Instrumento de Imprensa da Igreja Católica no Estado de Mato Grosso) foi um semanário, distribuído aos domingos, fundado em 1910 e interrompendo sua circulação apenas em 1969. Este jornal nasceu a partir de dois episódios importantes: a chegada dos salesianos a Mato Grosso, acompanhados de uma máquina tipográfica, na qual inicialmente era impresso o jornal; e pela disputa de interesses ideológicos e políticos entre integrantes da Igreja Católica em Mato Grosso e republicanos positivistas e anticlericais, que almejavam o estabelecimento de um Estado laico, em todos os seus aspectos, seja na educação ou na política de intervenção junto aos povos indígenas.²⁵

Foi articulado por eclesiásticos e leigos da Liga Católica de Mato Grosso, como o arcebispo de Cuiabá Dom Carlos D'Amour, o franciscano Frei Ambrósio Daydé²⁶ (diretor do Jornal entre 1910 a 1925), o arcebispo metropolitano de Cuiabá Dom Francisco de Aquino Corrêa, o comendador José Barnabé de Mesquita (substituto de Frei Ambrósio na direção do jornal, entre os anos de 1925 a 1953), bem como clérigos, juristas, políticos, professores e intelectuais da comunidade católica em Cuiabá.

²⁵ CANAVARROS, Otávio. *Leitura na Imprensa Cuiabana: o caso de A Cruz. (1910/1940)*. In: XVI COLE – Congresso de Leitura do Brasil, 2007, Campinas. CD – Rom – Anais do XVI COLE. Campinas, SP: ALB – Unicamp, 2007. v. 1.

²⁶ O franciscano Frei Ambrósio Daydé (1875-1945) foi redator-chefe do jornal *A Cruz* entre 1910-1924. Ao lado do arcebispo de Cuiabá, Dom Carlos Luiz D'Amour, foi defensor assíduo da Igreja Católica e de sua hierarquia. Polêmico, envolveu-se em diversas querelas com articulistas de outros periódicos, como *O Debate*, *Jornal do Comércio* e *O Paiz*. Para Daniel F. de Oliveira, sem a presença do frei franciscano Daydé a criação do jornal *A Cruz* não teria sido dada em 1910. Cf. OLIVEIRA, Daniel Freitas de. *O Jornal A Cruz: imprensa católica e discurso ultramontano na arquidiocese de Cuiabá (1910-1924)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFGD, 2016, p. 83-89.

Além de D. Aquino e Mesquita, em sua edição de 1937 de aniversário, *A Cruz* divulgou toda a sua equipe de redação naquele momento, composta exclusivamente por homens: Nunes Ribeiro, Palmyro Pimenta, Antonio Estevão de Figueiredo, Antenor de Figueiredo, Professor Feliciano Galdino de Barros e os contadores Benedicto A. London (gerente da publicação) e Manoel Deschamps Cavalcanti.²⁷ No recorte temporal deste trabalho o jornal foi de circulação semanal, geralmente constituído de 4 páginas, apresentando uma variedade de crônicas, sonetos, poesias e artigos. E, segundo levantamento de Daniel F. Oliveira, teve uma tiragem entre 1000 e 1.100 exemplares²⁸ logo nos primeiros anos, distribuídos na capital cuiabana e em outras cidades do interior do Estado.²⁹

Como já destacado o periódico católico nasce em resposta aos embates com republicanos positivistas e anticlericais. Essa disputa não se dava apenas localmente, mas trata-se de um embate histórico da Igreja Católica em relação aos processos de modernização da sociedade ocidental. Para Carla S. Rodeghero esse conflito ocorre desde o período da Renascença, passando pela Reforma Protestante, pela Revolução Industrial na Inglaterra, pelo movimento iluminista e Revolução Francesa, pois gradativamente se acentuam as críticas da modernidade racional e ocidental em relação aos preceitos e a ordem católica.³⁰

Esse processo modernizador se repercute na laicização do Estado e na ascendente secularização da sociedade ocidental, cada vez mais urbana, industrializada e incorporada de novos valores e utopias, se afastando progressivamente das referências morais da Igreja. Aos olhos do catolicismo, o comunismo seria parte desse processo, juntamente a outras expressões políticas, sociais e culturais como: o liberalismo, anarquismo, indústria cultural, movimentos juvenis e femininos que teriam aprofundado “ainda mais o fosso aberto anteriormente entre religião e sociedade”.³¹

Em ofensiva contra esse percurso histórico, a Igreja Católica reagiu por meio de um movimento denominado *catolicismo ultramontano* iniciado no século XIX, e que se manteve até a segunda metade do século XX. Tal movimento caracteriza se por um processo de centralização hierárquica da Igreja, encabeçado pelo Papa Pio IX (1846-1878). Em referência à teologia tomista, o movimento primou pela rejeição à filosofia racionalista, à ciência moderna,

27 *Redação d' A Cruz. A Cruz, Órgão da Liga do Bom Jesus, Cuiabá, 15 mai. 1937, Caderno 1284, p. 2.*

28 No período que compreende os anos de 1930 a 1937 o periódico não informou a sua tiragem.

29 OLIVEIRA, Daniel Freitas de. *Op. cit.*, p. 139-144.

30 RODEGHERO, Carla Simone. *O Diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 44.

31 *Idem*, p. 44-45.

à democracia liberal burguesa, bem como ao capitalismo e ao comunismo.³²

Seguindo esse processo de laicização e modernização do Estado, a Igreja Católica brasileira perdeu considerável poder de influência política e social, em consequência da separação protocolar entre Estado e Igreja em face da proclamação da República, no final do século XIX. Contudo, os anos de 1930 marcaram um processo de retomada da Igreja Católica no cenário central da política brasileira, sob a condução do Cardeal Dom Sebastião Leme da Silveira (1882-1942). Perante esse contexto, o objetivo era “re Cristianizar” a sociedade e reconciliar de forma mais expressiva as posições católicas junto aos agentes do Estado.

Os articulistas de *A Cruz*, membros da igreja e intelectuais leigos, repercutiram nos anos de 1930 esses ideais conservadores da Igreja Católica e ainda no anseio de recristianizar a sociedade se aproximou de forma conveniente do Estado. De acordo com o historiador Jérri Roberto Marin, o arcebispo de Cuiabá, D. Francisco de Aquino Corrêa, defendeu a cristianização da sociedade por meio da configuração de alianças entre a Igreja, o Estado e as elites³³. Esse projeto de domínio religioso do catolicismo mato-grossense esteve em sintonia com as propostas do governo Vargas na década de 1930, aliado ainda ao anticomunismo, questão a ser detalhada junto à análise das fontes mais adiante.

A pena evangélica e a articulação protestante em torno da modernidade e do progresso

O periódico *A Pena Evangélica* (Órgão Semanário de Propriedade da Primeira Igreja Presbiteriana de Cuyabá), como o próprio nome identifica, foi um semanário presbiteriano que circulou entre 1925 a 1944. Apresentou posturas bastante conservadoras em relação aos aspectos morais e de comportamento. Sua redação, no recorte temporal da pesquisa, foi composta por: Augusto José de Araújo (pastor), Francisco Cesar Melo (presbítero), Joaquim Jorge de Carvalho (presbítero), e os diáconos Américo Gomes de Barros, João Carlos de Araújo Bastos, João Mendes Rodrigues, João Manoel da Cruz e João Paes de Barros.³⁴

A publicação presbiteriana foi semanal e constituída de quatro páginas, mas entre

32 MANOEL, Ivan Aparecido. *O pêndulo da História. Tempo e eternidade no pensamento Católico (1800-1960)*. Maringá/PR, Eduem, 2004, p. 11.

33 MARIN, Jérri Roberto. “A Igreja católica em Mato Grosso e as divisões eclesiais”. In.: PERARO, Maria Adenir. (Org.). *Igreja católica e os cem anos da arquidiocese de Cuiabá (1910-2010)*. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2009, p. 58-59.

34 *Expediente. A Pena Evangélica*. Órgão semanário de propriedade da Primeira Igreja Presbiteriana de Cuyabá, Cuiabá, 4 jan. 1936, Caderno 430, p. 2.

1936 e 1938 foi mais comum circular com seis. Dispôs nas duas primeiras laudas de mensagens religiosas, artigos e expedientes do jornal. Na terceira e quarta páginas destaque para o suprimento noticioso, “O mundo em sete dias”, e também havia espaço para publicidade, informes e classificados.



Imagem 2: Grafia do título do Jornal *A Pena Evangélica* em 1942, n.: 743, 10 jan. 1942.

Diferente da Igreja Católica e de acordo com o teólogo e sociólogo Valdinei Aparecido Ferreira (2008), a esfera protestante foi articulada sob os contornos da modernidade, desde a instauração da Idade Moderna, passando pela formação de uma nova consciência iluminista e racionalista, até chegar ao desenvolvimento de uma sociedade capitalista industrial. Ainda nesse sentido, Ferreira ao investigar os primeiros missionários protestantes estadunidenses, líderes das primeiras missões no Brasil da segunda metade do século XIX, capta uma acentuada identificação desses grupos religiosos com o modelo de progresso e de modernidade liberal.³⁵

Diante dessas considerações e da identificação do protestantismo brasileiro com um modelo de modernidade liberal, quais foram os posicionamentos deste segmento religioso em relação ao comunismo?

Para Julião Silva as Igrejas Protestantes no Brasil, com fortes ligações históricas com o protestantismo inglês e estadunidense, aderiram, majoritariamente, ao discurso anticomunista amplamente propagado por essas nações capitalistas e liberais. Nessas circunstâncias, as denominações religiosas pesquisadas por Silva estiveram avessas a quaisquer propostas de mudanças revolucionárias e contestadoras da ordem social vigente no país.³⁶ A Igreja Presbiteriana em Cuiabá se estabeleceu com o apoio de missionários norte-americanos³⁷

35 FERREIRA, Valdinei Aparecido. *Protestantismo e Modernidade no Brasil – da utopia à nostalgia*. Tese (Doutorado em Sociologia), programa de pós-graduação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas/FLCH/USP, São Paulo, 2008;

36 SILVA, Paulo Julião. *O Anticomunismo protestante e o alinhamento ao golpe militar (1945-1964)*. Curitiba, Editora Primas, 2014, p. 201-203.

37 SANTOS, Sergio Ribeiro. *A inserção do protestantismo em Cuiabá na Primeira República*. RPC Gráfica,

também manifestou parte dessa identificação com a modernidade liberal e em oposição ao comunismo, posicionamentos refletidos em seu jornal local *A Pena Evangélica*.

Contudo, apesar da tradicional identificação do protestantismo com determinados preceitos da modernidade liberal. Julião Silva, abarcando reflexões de Peter Berger³⁸, reflete que diversos segmentos protestantes, assim como a Igreja Católica, se sentem fragilizados diante de uma sociedade cada vez mais secularizada e descrente dos “milagres divinos”, abalando seu poder representativo junto à sociedade. O marxismo que produz duras críticas às bases religiosas, assinaladas como legitimadoras da dominação de um certo grupo ou classe³⁹, também é percebido como parte desse acentuado processo de secularização e visto como um concorrente antirreligioso por diversas vertentes protestantes.⁴⁰

Moralidade cristã e a propagação de uma narrativa conspiratória anticomunista

Trabalhador, não se iluda, não se enraiveça e não se deixe levar pela cólera da luta de classes, pelo sonho da liberdade, pelas mentiras sornateiramente propagadas, pelas paixões ludibriadoras e pelo perigoso “canto da sereia”⁴¹. São esses e outros enunciados utilizados pela imprensa religiosa cuiabana, aqui analisada, para desacreditar o comunismo junto aos seus leitores e fiéis.

Primeiramente, em relação aos integrantes do jornal católico *A Cruz*, esses reiteradamente compreendiam estar “a postos” para proteger mato-grossenses e brasileiros, em nome da religião, da família, das mulheres, crianças, operários, dos cristãos e da moralidade, contra um oponente muito bem articulado e cheio de “falsas” promessas de felicidade plena. Para José Barnabé de Mesquita (1892-1961), esse adversário era um “falso condutor”⁴² e de pretensões duvidosas, buscando por meio da fragilidade dos “espíritos ignorantes”⁴³ germinar seu controle demoníaco.

José de Mesquita demonstrou ser uma das vozes atuantes no combate fervoroso

Cuiabá, 2010, p. 92-93.

³⁸ BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para a teoria sociológica da religião*. – 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2004;

³⁹ BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

⁴⁰ SILVA, Paulo Julião. *Op. cit.*, p. 50-51.

⁴¹ LEITE, João Carlos Pereira. *Cuidado com a sereia*. *A Cruz*, Órgão da “Liga Catholica” da Archidiocese, Cuiabá, 10 jul. 1932, Caderno 1036, p. 1.

⁴² *A religião e o Operariado – Conferencia na “Liga Catholica” – 17 de novembro de 1932, Pelo seu presidente José de Mesquita*. *A Cruz*, Órgão da “Liga Catholica” da Archidiocese, Cuiabá, 08 jan. 1933, Caderno 1062, p. 1.

⁴³ *Idem*.

contra os “agentes soviéticos”⁴⁴. Figura influente e um dos fundadores do Instituto Histórico de Mato Grosso (1919) e da Academia Mato-Grossense de Letras (1921). Foi desembargador e presidente do Tribunal de Justiça do Estado e um dos principais articuladores e diretor do jornal católico *A Cruz*. Bastante erudito, produziu uma variedade de textos como artigos, poesias e crônicas. Sua formação católica e atuante, inclusive como presidente da Liga Católica Mato-Grossense (1925-1953), associação responsável pelo jornal *A Cruz*, se evidencia em muitos desses textos e traduziram seu alinhamento junto ao catolicismo no combate ao comunismo. Nas palavras de Mesquita⁴⁵, o comunismo e outras ideias revolucionárias seriam fontes de desordem, capazes de abraçarem perigosamente o operário e imporem uma nova e caótica ordem social:

São amigos-ursos do operariado, todos os revolucionários desde os de 1789 até os de hoje, que têm no “Contrato Social” de Rousseau ou no “O Capital” de C. Marx [sic], todos esses que pregam abertamente, à face dos governos que os toleram, a destruição da ordem social, para se criar em substituição uma nova ordem, que melhor se diria desordem de cousas...⁴⁶

Sua postura contrária às ideias de Jean-Jacques Rousseau e Karl Marx refletiu nessa conferência uma clara aproximação com as novas leituras da filosofia tomista realizada pela Igreja. Conforme avaliado pelos historiadores Rogério Luiz de Souza e Edison Lucas Fabrício, as ideias do pensador medieval Tomás de Aquino (1225-1274) revigoraram dentro da Igreja Católica do século XIX com a encíclica do papa Gregório XVI, “*Mirari Vos*” (1832), que promove censuras ao liberalismo. Ainda, foram recuperadas na encíclica “*Aeterni Patris – Sobre a Restauração da Filosofia Cristã conforme a Doutrina de São Tomás de Aquino*” (1879) de Leão XIII, em um contexto de fortes conflitos ideológicos entre a Igreja e os novos preceitos liberais expandidos após a Revolução Francesa.⁴⁷

No Brasil, no entanto, a teologia tomista somente constituiu maior destaque no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, carregada de novos sentidos e releituras. As principais influências neotomistas vieram dos franceses Jacques Maritain, Etienne Gilson e Sertillanges, como também de autores brasileiros, como Leonel Franca, Alceu Amoroso Lima

⁴⁴ *Idem*.

⁴⁵ Em todo o texto, opta-se pela manutenção da ortografia e gramática da época quando da citação direta das fontes, para serem fidedignas ao original e preservar seus sentidos.

⁴⁶ *A religião e o Operariado – Conferencia na “Liga Catholica”*: 17 de novembro de 1932, Pelo seu presidente José de Mesquita. *A Cruz*, Órgão da “Liga Catholica” da Archidiocese, Cuiabá, 11 dez. 1932, Ed. 1058, p. 1.

⁴⁷ SOUZA, Rogério Luiz; FABRÍCIO, Edison Lucas. *Neotomismo e política*: Leonel Franca e o debate sobre modernidade e totalitarismo. *Revista Brasileira de História das Religiões*, n. 25, Maio/Agosto de 2016, p. 40-41

e Afrânio Coutinho, estes dois últimos pertencentes ao Centro Dom Vital do Rio de Janeiro. Essa releitura marca uma posição antimoderna e conservadora dos intelectuais católicos, traduzida na negação aos paradigmas positivistas, materialistas, cientificistas, racionalistas (na perspectiva do filósofo Kant) e comunistas, concepções essas que teriam se contraposto aos dogmas religiosos e ao cristianismo.⁴⁸

Dentro dessas articulações, a Igreja Católica no Brasil reconhecia que o capitalismo liberal e os empregadores cometiam abusos contra o operariado e clamava pela atuação assistencial do Estado para mitigar essa relação de exploração e impedir a eclosão de revoltas e a desordem social, conforme as orientações de Leão XIII, por meio da *Rerum Novarum* (1891), e Pio XI com a encíclica *Quadragesimo Anno* (1931).⁴⁹ Portanto, para os clérigos e intelectuais conservadores da Igreja Católica, como Mesquita, apesar de denunciarem as explorações sofridas pelos trabalhadores, entendiam, no entanto, que esses deveriam ser disciplinados, assistidos e controlados. Objetivando, assim, afastá-los dos ideais do “falso amigo” marxista, da luta por igualdade, das greves, das organizações independentes, da aspiração pelo controle dos meios de produção e da reivindicação por reforma agrária.

Nesse sentido, o escritor católico José de Mesquita, destacando as duas encíclicas papais acima mencionadas, tratou de construir uma imagem ideal de operário como a de um “bom cristão” conduzido pela Igreja, sem preocupações com as questões materialistas e distante das ideias revolucionárias da “flamma rubra”⁵⁰. Assim, para combater as pretensões da “anarquia” comunista junto aos operários, Mesquita compreendeu que era necessário a atuação da Igreja e do Estado, em uma conjugação reacionária e em sentido contrário às bases filosóficas e políticas do iluminismo e do liberalismo. E concluiu a sua extensa conferência, afirmando que era necessário reviver as normas e as tradições conservadoras do governo Imperial brasileiro:

Ou retomamos o feito conservador, jurídico, tradicional da nossa política, desde o Império, ou descambamos pelo plano inclinado da força e das aventuras comunistas, com que se rotula a anarquia legalizada. (...) Operários, guardae bem estas palavras: A Religião, eis vossa protectora! O communismo, eis o vosso inimigo!⁵¹

48 *Idem*.

49 DIEHL, Astor Antônio, *Círculos Operários no Rio Grande do Sul: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1990, p. 17-18.

50 *A religião e o Operariado – Conferência na “Liga Catholica” – 17 de novembro de 1932, Pelo seu presidente José de Mesquita. A Cruz, Órgão da “Liga Catholica” da Archidiocese, Cuiabá, 25 dez. 1932, Caderno 1060, p. 1.*

51 *A religião e o Operariado – Conferência na “Liga Catholica” – 17 de novembro de 1932, Pelo seu presidente José de Mesquita. A Cruz, Órgão da “Liga Catholica” da Archidiocese, Cuiabá, 08 jan. 1933, Caderno 1062, p. 2.*

A conferência de novembro de 1932 realizada pelo desembargador Mesquita e publicada no jornal *A Cruz*, elucida, em vários aspectos, o momento político combativo da Igreja Católica brasileira e sua luta contra o comunismo. Combate esse constantemente reverberado nas páginas e pelos intelectuais do jornal católico, evidenciando a crença de uma missão: afastar os trabalhadores brasileiros das promessas das “sereias moscovitas”⁵², traduzidas como ameaças ao “humilde, dócil e servil” operário brasileiro, já dominado e controlado pela submissão da dor e da exploração de um passado escravocrata:

O nosso operário é bom, é simples, é de boa fé. Produto de gerações de gente crente, vindo de uma sedimentação étnica, que fructificou, muitas vezes, na dôr, através das senzalas e dos eitos, nunca foi um revoltado nem perverso. A crença ancestral e a doçura da índole fazem d'elle um receptivo para a ternura e para o bem. É preciso não deixar que o entoxiquem com as doutrinas malsans do extremismo corruptor.⁵³

Mas para o catolicismo conservador o comunismo não era o único adversário, o combate se dava também em relação a outros grupos, instituições e ideias anticlericais que defendiam um Estado laico, separado das questões religiosas, como os maçons, protestantes, liberais e o movimento positivista.⁵⁴

O historiador José Oscar Beozzo afirma que antes de 1930 e a partir da ascensão, em 1870, de uma burguesia liberal ligada aos pressupostos capitalistas, seja no campo, com a crescente economia cafeeira capitalista, ou nas cidades, com o fortalecimento de setores bancários e comerciais, a Igreja perdeu parte de seu poder político anteriormente fundado em um regime político monárquico dominado por grandes proprietários de terras e senhores de escravos. Essas novas elites afastaram-se consideravelmente da Igreja Católica e buscaram novas fontes de sentidos como o liberalismo, protestantismo, positivismo e a maçonaria. Esta última organização, por exemplo, substituiu grande parte da representatividade das irmandades e das ordens religiosas leigas.⁵⁵

Diante dessa perspectiva, em interação teórica com Pierre Bourdieu e suas

52 *A Acção Catholica e o Proletariado*. *A Cruz* – Órgão da Liga do Bom Jesus, Cuiabá, 23 fev. 1936, Caderno 1222, p. 1.

53 *Ibidem*.

54 Para José Oscar Beozzo, tendo por referência Pablo Richard, a Igreja Católica foi vista por liberais e positivistas, do final do século XIX e início do XX, como uma instituição anticientífica, irracional, e oposta à modernidade e ao progresso. Cf. BEOZZO, José Oscar. “A Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização”. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*: Tomo III O Brasil Republicano. IV Vol. DIFEL, São Paulo, 1986; cap VI, p. 277.

55 *Idem*, p. 276.

considerações acerca das disputas dentro do campo⁵⁶ religioso⁵⁷, a Igreja Católica tentou monopolizar o poder da religião e o mercado de bens de salvação individual junto aos leigos. Assim, enfrentou com austeridade as ideias e religiões concorrentes de seu *status* privilegiado no Brasil, ambicionando fixar total domínio sobre os bens simbólicos do mercado religioso. Em vista disso, a inserção de novos concorrentes religiosos, como o protestantismo, e ainda de ideologias críticas do domínio religioso católico, como o positivismo e o marxismo, foram combatidas pelo catolicismo de forma rigorosa e através de uma atuante desqualificação de tais vertentes.

O próprio surgimento do jornal *A Cruz*, em 1910, esteve relacionado à oposição da Igreja Católica em Mato Grosso aos seus adversários e em reação às publicações anticlericais, a exemplo do jornal *A Reação* (1909-1914), propagador dos propósitos positivistas e liberais da Liga Mato-Grossense de Livres Pensadores⁵⁸. Nesse período, de acordo com Daniel F. Oliveira, o episcopado brasileiro defendia a inserção e expansão da imprensa católica, seguindo as orientações ultramontanas dos Papas Leão XIII (1878-1903) e Pio X (1903-1914). Essas diretrizes, incorporadas pelo episcopado brasileiro, traduziram uma visão maniqueísta, onde a *boa imprensa* católica, propagadora dos bons costumes, deveria, em oposição, combater uma *má imprensa* que estaria em dissonância com a moral e os princípios cristãos defendidos pela Igreja.⁵⁹

A Cruz, dessa maneira, constituiu-se como plataforma de valores religiosos e moralizantes católicos e em consonância com as posições ultramontanas da Igreja Católica. Em conjunto, e conforme investigações realizadas por Daniel F. Oliveira ao estudar a inserção do jornal católico nas suas duas primeiras décadas de atuação, identificou-se que um dos objetivos do jornal seria impedir a expansão de religiões e ideologias concorrentes do catolicismo. Dessa

56 Segundo definições de Pierre Bourdieu o campo reflete um determinado grupo social, de indivíduos ou instituições, dotado de certa autonomia, mas concomitantemente se relaciona e é influenciado por todo o conjunto da sociedade. O campo é também um lugar de concorrência e de embates internos entre seus agentes, que visam ocupar posições de destaque dentro desse grupo. Essas posições são conquistadas pela disputas por capitais específicos ao passo que as graduações mais elevadas possuem maior grau de capital social e cultural, por exemplo, portanto não se trata apenas de poder econômico. A depender da posição que seus agentes ocupam serão revestidos de certas possibilidades de atuação. Nesse sentido, o campo é um espaço de constantes relações, e seus agentes anseiam conquistar legitimidade e controlar toda a atuação influente de seu campo, provando lutas e tensões para conservar ou transformar esse “campo de forças”. Cf. BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004, p. 22-23.

57 BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 57-58.

58 Cf. CANAVARROS, Otávio. *Leitura na Imprensa Cuiabana: o caso de A Cruz*. (1910/1940). In: XVI COLE - Congresso de Leitura do Brasil, 2007, Campinas. CD – Rom – Anais do XVI COLE. Campinas, SP: ALB - Unicamp, 2007. v. 1.

59 OLIVEIRA, Daniel Freitas de. *Op. cit.*, p. 58-62, *grifo nosso*.

forma, seus redatores promoveram polêmicas campanhas, durante a direção de Frei Ambrósio (1910 a 1924), principalmente contra o protestantismo, o espiritismo e a maçonaria, caracterizados frequentemente como seitas diabólicas⁶⁰. Também se fazia presente a oposição ao positivismo, anarquismo, socialismo e ao comunismo, dentre outras conjugações.⁶¹

Mas foi a partir da década de 1930, sob a direção de José de Mesquita e forte influência do arcebispo Dom Aquino, que o jornal se voltará ativamente e rotineiramente contra o comunismo, como exposto mais acima pelas falas do próprio Mesquita.

Esses embates evidenciam não apenas os aspectos religiosos do jornal, como ainda a permanente atuação política do catolicismo. Apesar do afastamento desta tradicional instituição religiosa em relação ao poder oligárquico liberal e republicano, sua forte influência ainda se fez presente, mesmo sofrendo oposição de grupos positivistas e maçônicos. O arcebispo de Cuiabá, D. Francisco de Aquino Corrêa, aliás, foi um ator importante e de consenso para apaziguar conflitos políticos entre grupos opositores⁶², assumindo a presidência do estado, de 1918 à 1922, com apenas 32 anos de idade. Além disso, a Igreja estava presente em vários aspectos da sociedade civil, como na atuação catequista junto a comunidades indígenas, dirigindo escolas, hospitais, asilos e, evidentemente, na articulação de uma imprensa católica como *A Cruz* que tinha circulação não apenas na capital cuiabana, mas abrangia outras cidades do estado.

Em articulação com o nível nacional o periódico se engajou no projeto da Igreja de recristianizar a sociedade, dentro das diretrizes de Dom Sebastião Leme. O empenho em ampliar a atuação católica na sociedade repercutiu no Jornal *A Cruz* as diferentes frentes de atuação do catolicismo junto aos seus fiéis leigos, como os Círculos Operários⁶³, a Liga

60 *Idem*.

61 *Idem*, p. 12.

62 O período que antecedeu a chegada de Dom Aquino à presidência do Estado, marca a disputa pela hegemonia política e oligárquica do Estado, inclusive com lutas armadas, entre o Partido Republicano Conservador (PRC), chefiado pelo deputado federal Antônio Azeredo e o Partido Republicano Mato-grossense (PRMG), liderado pelo senador da República Pedro Celestino Corrêa da Costa. Cf. PORTELA, Lauro Virginio de Souza. *Uma república de muitos coronéis e poucos eleitores: coronelismo e poder local em Mato Grosso (1889-1930)*, Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFMT, Cuiabá, 2009, p. 129-131.

63 Ver em: DIEHL, Astor Antônio, *Círculos Operários no Rio Grande do Sul: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1990.

Eleitoral Católica⁶⁴ e a Ação Católica⁶⁵.⁶⁶

Dentro das atuações políticas da Igreja Católica em Cuiabá, as páginas do periódico católico também repercutiram a aproximação da Igreja com iniciativas autoritárias, como o Estado Novo de Getúlio Vargas. O jornal católico auxiliou na sacralização da liderança do regime e promoveu uma propaganda política aos moldes de um órgão oficial do governo Vargas. No periódico católico a plena adesão a Getúlio Vargas já se delineou após os levantes comunistas de 1935, se efetivando em conjunto a uma postura anticomunista, o que para os articulistas do jornal justificaria o apoio às medidas repressivas de um Estado “forte” e antidemocrático.⁶⁷

Outra aproximação destacada no periódico católico se deu com o movimento de vinculações fascistas a Ação Integralista Brasileira (AIB)⁶⁸. Entre os anos 1935 e 1937, *A Cruz* cede espaço em sua publicação para o movimento integralista no estado de Mato Grosso por meio da “Columna Integralista”, onde foram divulgadas ações e diretrizes ideológicas desse grupo político.

Repercutindo a atuação da AIB em Mato Grosso, a “Columna Integralista” além de ter servido como espaço de propaganda e divulgação das ideias integralistas, demonstrou a proximidade de parte da hierarquia e da intelectualidade católica brasileira com tendências

64 Ver em: MOURA, Carlos André Silva. “Restaurar todas as coisas em Cristo: Dom Sebastião Leme e os diálogos com os intelectuais durante o movimento de recatolização no Brasil (1916-1942)”. In: RODRIGUES. Cândido Moreira; PAULA, Christiane Jalles de. *Intelectuais e militância católica no Brasil*. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

65 Ver em: OLIVEIRA, Darlene Socorro da Silva Oliveira. *Liga das Senhoras Católicas de Cuiabá (1924-1935): o movimento de Ação Católica e as Associações Femininas*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFMT, Cuiabá, 2010.

66 Círculos Operários Católicos: edição n. 979, de 07 jun. 1931. Liga Eleitoral Católica: 1933, assunto abordado em 23 edições; 1934 – 28 edições; 1935 – 02 edições; 1936 – 01 edição; 1937 – 01 edição. Ação Católica: 1932, assunto abordado na edição 1016; 1933 – ed. 1093; 1936 – edições 1222 e 1263; 1937 – ed. 1279, 1280, 1281 e 1316.

67 Cf. ADÃO, Rafael. *Anticomunismo e suas construções mitológicas na imprensa político-religiosa de Cuiabá (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFMT, 2017, p. 143 – 184.

68 A Ação Integralista Brasileira (AIB), criada em 1932, liderada por Plínio Salgado, foi uma expressão política engajada por projetos e concepções autoritárias, identificando-se com um modelo de nacionalismo rígido, pautado na formação de uma sociedade uniforme e hierárquica, e com os discursos e fundamentos dos governos nazifascistas. Apesar de referências, como a do cientista político Héglio Trindade, que compreendem o integralismo como uma das expressões fascistas da década de 1930, entende-se aqui que esse foi um movimento político de massas organizado e estruturado em nível nacional, inclusive no estado de Mato Grosso, com características particulares e mesmo distintas das expressões fascistas italianas. Para Rodrigo Santos de Oliveira, a identidade política do integralismo era definida pelo antiliberalismo, espiritualismo (em oposição às concepções materialistas, defendendo as bases e direcionamento de uma sociedade cristã) e pelo combate febril ao comunismo. Cf. OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, PUC-RS, Porto Alegre, 2009, p. 14.

autoritárias e fascistas, conciliadas por suas posições antiliberais e anticomunistas⁶⁹. A referida coluna propagou, em combinação ao discurso católico conservador, a defesa de trabalhadores ordeiros e a constituição de uma sociedade cristã em total oposição à luta “entre classes”⁷⁰. Almejavam, assim, estabelecer a constituição da unidade nacional “mediante o systema orgânico e crhistão das cooperações”⁷¹, seguindo o princípio “da ordem e da autoridade”⁷². Já o comunismo e a III Internacional, nas palavras publicadas na “Columna Integralista”, representariam um artífice moderno que ameaçaria a fé e a moral cristã e católica, atuando dentro de cinco frentes:

1º Religião: Destruir e desacreditar toda a fé christan, pela philosophia, pelo mysticismo e pela sciencia empírica. 2º) Moral: Corromper a moralidade das raças occidentaies por infiltração da moralidade oriental; enfraquecer os laços do matrimônio, destruir a vida familiar, abolir as sucessões e até os nomes da família. 3º. Estético: culto da fealdade e da extravagância na arte, na literatura, na música e no teatro. Modernismo, orientalismo puro, degeneração. 4º) Social: abolição da aristocracia, criação da plutocracia, crear a revolta dos cérebros proletários pela vulgaridade, pela corrupção e inveja, dando origem ao ódio de classe. 5ª) Destruição do ideal do artífice, abolição da propriedade particular, aniquilar o patriotismo, o orgulho de raças.⁷³

Verifica-se, portanto, a defesa pela conservação de um modelo social excludente, que rejeita ideias de contestação e que possam trazer “revolta dos cérebros proletários”. Ocorre, portanto, a negação de qualquer crítica ao modelo de exploração e hierarquização social. As manifestações de críticas sociais e de revolta, até mesmo no campo artístico e estético, eram renegadas como um plano degenerado, imoral e comunista que visaria destruir a pátria, as bases patrimonialistas e a fé cristã.

Todavia, no ano de 1937 a “Columna Integralista” e as ações do integralismo paulatinamente⁷⁴ deixaram de ter ressonância propagandística no periódico *A Cruz*. Já no dia 13 de junho de 1937, identifica-se um rompimento formal do jornal com o integralismo por meio do artigo “Ponto nos is”, de Aurélio Marco, que criticou a postura fanática e extremista

69 CORDEIRO. Leandro Luiz. “Alceu Amoroso Lima e a intelectualidade católica frente ao integralismo”. In.: BERTONHA, João Fábio (Org.). *Sombras autoritárias e totalitárias no Brasil Integralismo, fascismos e repressão política*. Maringá: Eduem, 2013, p. 95-96.

70 *Columna Integralista. A Cruz*, Órgão da Liga do Bom Jesus, Cuiabá, 20 out. 1935, Caderno 1204, p. 2.

71 *Idem*.

72 *Idem*.

73 *Columna Integralista. A Cruz*, Órgão da Liga do Bom Jesus, Cuiabá, 06 out. 1935, Caderno 1202, p. 2.

74 Em 1935 o jornal *A Cruz* publicou 12 artigos e colunas em apoio ao movimento integralista. Já 1936 foram 04 publicações nesse mesmo sentido. Por fim, em 1937 apenas 03 publicações tinham o tom de promoção das ações e ideias dos integralistas, sendo a última presente na ed. n. 1284, de 15 mai. 1937.

de integrantes da AIB. Marco ainda revelou que o periódico católico recebeu “impressos ‘anônimos’ com veladas ameaças”⁷⁵ dos partidários do sigma, por não publicar todos os informes encaminhados pela AIB⁷⁶. Esse artigo demonstra aspectos da costumeira conduta violenta das milícias integralistas⁷⁷, também repercutida, dias depois, em outra publicação que denunciou a ação de integralistas armados na Faculdade de Direito de São Paulo.⁷⁸

Outra publicação religiosa que repercutiu com intensidade o cenário político e o tom discursivo contra o comunismo foi o veículo de imprensa presbiteriana *A Pena Evangélica* – Órgão semanário de propriedade da Primeira Igreja Presbiteriana de Cuiabá. Sua posição anticomunista se dava em nome de uma vida cristã e contra o “irracional, irreligioso”⁷⁹ e promotor de ilusões do “pseudo paraíso vermelho”⁸⁰.

Os articulistas do periódico semanal presbiteriano eram expressivamente rígidos em relação aos costumes, marcando críticas aos hábitos considerados inapropriados, como o consumo de bebida alcoólica e de cigarros. Postura essa muito condizente com a identificação do protestantismo presbiteriano com a defesa de uma moral austera, conforme definições da perspectiva weberiana.⁸¹

Essa defesa rígida dos costumes pode ser percebida através das críticas realizadas pelo jornal em relação a Igreja Católica de Cuiabá, definida como muito conivente com certas

75 MARCO, Aurélio. *Ponto nos is. A Cruz*, Órgão da Liga do Bom Jesus, Cuiabá, 13 jun.1937, Ed. 1288, p. 2

76 Em outro artigo, pretende-se, trabalhar de forma mais abrangente as conjugações do periódico católica *A Cruz* e o integralismo, inclusive acerca da participação do Professor Feliciano Galdino de Barros (1884-1938), um dos destacados redatores e escritores do referido jornal, nesse movimento. Feliciano Galdino, homem negro, católico fervoroso e figura de relevante destaque social e político, denunciou na década de 1920 por meio de publicações no jornal *A Cruz* uma série de atentados e violações sofridas por trabalhadores usineiros na região do Quilombo de Mata Cavallo. Segundo Daniel F. de Oliveira, Feliciano Galdino foi um dos fundadores do Partido Trabalhista de Mato Grosso, em 1926. Cf. OLIVEIRA, Daniel Freitas de. *Op. cit.*, p. 95-98. Mas, em 1935, F. Galdino foi indicado, pela *A Cruz*, edição n.1167, de 20/01/1935, como fundador e chefe do núcleo integralista em Cuiabá. Parece contraditório um homem negro ter ingressado nos quadros do integralismo, visto o característico caráter racista dos movimentos de vinculação fascista. Contudo, a aproximação do catolicismo e do integralismo, certamente foram os vínculos de identificação buscados por Feliciano ao ingressar na AIB. Por ser um movimento que conquistou uma relevante base social, o integralismo acolheu membros de distintas origens raciais e sociais, questões que estão sendo trabalhadas por novos estudos em todo o país. Acerca da participação de negros no integralismo, Cf. BERTONHA. João Fábio. “Os negros”. In. _____. *Integralismo: Problemas, perspectivas e questões historiográficas*. Maringá: Eduem, 2014, p. 31-36.

77 Cf. BERTONHA. João Fábio. “O poder, a violência e as milícias”. In. _____. *Integralismo: Problemas, perspectivas e questões historiográficas*. Maringá: Eduem, 2014, p. 117-127.

78 *Respingando. A Cruz*, Órgão da Liga do Bom Jesus, Cuiabá, 27 jun. 1937, Caderno 1290, p. 2.

79 *Communismo. A Pena Evangélica* – Órgão semanário de propriedade da Primeira Igreja Presbiteriana de Cuiabá, Cuiabá, 19 dez. 1936, Caderno 480, p.2.

80 *Impressão da Rússia Soviética. A Pena Evangélica* – Órgão semanário de propriedade da Primeira Igreja Presbiteriana de Cuiabá, Cuiabá, 26 dez. 1936, Caderno 481, p. 6.

81 WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Tradução: José Marcos Mariane de Macedo; São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

práticas consideradas inapropriadas e incompatíveis com os dogmas religiosos cristãos. Parte desses julgamentos aparecem em embates, no carnaval de 1936, com o periódico católico *A Cruz*, onde *A Pena* repreende a publicação no jornal católico de propagandas de bebidas alcoólicas⁸² e de lança-perfumes⁸³.

No Brasil, o protestantismo histórico, de acordo com o historiador Carlos B. Gonçalves, foi implementado na segunda metade do século XIX e expresso pelas Igrejas Congregacional (1855), Batista (1859/1882), Presbiteriana do Brasil (1862), Presbiteriana Independente (1903), Metodista (1878), e Episcopal (1889). Seu estabelecimento promoveu-se tendo por base as ações missionárias, principalmente norte-americanas, incluindo britânicas.⁸⁴

No início do século XX o embate entre o catolicismo e o protestantismo foi vigoroso no estado de Mato Grosso. O fim do Império e a separação da Igreja Católica e do Estado proporcionou ambiente favorável para que os protestantes expandissem sua atuação em um país predominantemente católico. Conforme o historiador Sérgio Ribeiro Santos, a inserção do protestantismo na capital mato-grossense, Cuiabá, se deu no final do século XIX e começo do século XX, contexto da Primeira República, onde ocorreu a promoção da liberdade religiosa e configuração do Estado laico.⁸⁵

A presença e incorporação do protestantismo no estado também decorreram de transformações sociais e culturais, favorecendo o reordenamento do cenário religioso. Santos, assim, enumera alguns desses aspectos de transformação, como: a amplitude, em nível nacional e local, de ideias liberais que marcam a defesa das liberdades individuais de crença, pensamento e de livre iniciativas econômicas; as concepções filosóficas positivistas⁸⁶ vinculadas ao cientificismo e em oposição ao catolicismo ultramontano, este último refletido como

82 A partir da edição n. 1204 de 20/10/1935, *A Cruz* publicou sucessivamente até a edição de 1233 de 10/05/1936, a seguinte peça publicitária: “Elesbão Ferreira da Cruz – Atacadista de aguardente/Offerece as vantagens seguintes: Productos de 1ª qualidade/Medida com sobra/Preços modicos”. Ao todo foram 30 edições que repercutiram a referida propaganda de aguardente, entre os anos de 1935 a 1936, fixadas na terceira ou quarta página.

83 As propagandas de lança-perfumes no jornal *A Cruz* podem ser vistas em uma série de publicações contínuas a partir da edição n. 1199 de 15/09/1935, até a publicação de n. 1221 de 16/02/1936, já às vésperas do carnaval de 25 de fevereiro de 1936. Assim, totalizaram-se 23 publicações contendo a peça publicitária de lança-perfumes, majoritariamente expostas na quarta página, onde foi registrado uma tabela de preços do comércio dos “Irmãos Miraglia”. O texto publicitário repetidamente informou: “LANÇA PERGUMES: Para conhecimentos dos nossos distintos amigos e fregueses damos a seguir o preço dos Lança-perfumes para carnaval de 1936 - RODO DE LUXO METALLICOS”.

84 GONÇALVES, Carlos Barros. *As polêmicas antiprotestantismo nas primeiras décadas do século XX: Cuiabá 1926, 1927*. Fronteiras: Revista de História, v. 12, n. 21, 2010, p. 153-154.

85 SANTOS, Sergio Ribeiro. *Op. cit.*

86 Ênfase para a Liga dos Pensadores, associação fundada em Cuiabá no ano 1910, com o objetivo de promover as ideias racionais e liberais e combater a estrutura hegemônica católica. Cf. SANTOS, Sergio Ribeiro. *A inserção do protestantismo em Cuiabá na Primeira República*. RPC Gráfica, Cuiabá, 2010, p. 19.

ultrapassado; e o apoio de entidades maçônicas, grande incentivadora do ideário liberal e ao desenvolvimento de outras vertentes religiosas distintas do catolicismo.⁸⁷

Os primeiros segmentos protestantes em Mato Grosso associaram sua fé e imagem aos ideais de modernidade, progresso e civilização, em oposição ao catolicismo, refletido como velho e grande empecilho para a propulsão das invocações necessárias. Os missionários protestantes consideravam-se na missão de promover um projeto civilizatório para o Brasil, em objeção ao que definiam como atraso econômico e social advindo de uma exploração colonial portuguesa e católica, que teria subjugado o povo brasileiro a um obscurantismo religioso.⁸⁸

O catolicismo, por sua vez, com a considerável perda de seu espaço político privilegiado, engajou-se em uma missão de recomposição de forças dentro de sociedade brasileira. A disputa pelo espaço religioso entre católicos e protestantes, nas últimas décadas do século XIX e início do XX, constituiu na difusão de um antiprotestantismo por parte dos membros da Igreja Católica, e anticatolicismo por meio dos filiados ao protestantismo, reverberando na imprensa desses dois grupos religiosos os confrontos traçados.⁸⁹

Segundo Carlos Barros Gonçalves⁹⁰ o jornal *A Pena Evangélica*, objetivou dar suporte na divulgação e expansão da doutrina presbiteriana, que já havia marcado sua presença por meio de trabalhos missionários no final do século XIX. E por meio de sua estruturação institucional enquanto Igreja, em 1912, na cidade de Corumbá, e no ano de 1920, na capital Cuiabá. Dessa maneira, *A Pena Evangélica*, que inaugurou sua circulação em 16 de maio de 1925, era parte da significativa atuação do presbiterianismo dentro do estado de Mato Grosso.

Esse periódico presbiteriano teve como um dos seus articuladores iniciais o Reverendo Philip Sheeder Landes que desejava difundir os ensinamentos de sua denominação cristã. Além disso, utilizou a publicação como instrumento para desqualificar o discurso antiprotestante empregado por intelectuais católicos no jornal *A Cruz* e em outras publicações regionais, como *O Matto Grosso* e a *Revista Pro-Familia* – do Lyceu Salesiano de Artes e Ofícios São Gonçalo.⁹¹

Mas, como já explicitado, o semanal presbiteriano também esteve envolvido em outra campanha: o anticomunismo, dentro de uma bandeira moralizante, equivalente à realizada

⁸⁷ *Idem*.

⁸⁸ GONÇALVES, Carlos Barros. *Op. cit.*, 2010, p. 160-161.

⁸⁹ *Idem*, p. 153-159.

⁹⁰ GONÇALVES, Carlos Barros. *Até os confins da terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas*. Ed. UFGD, Dourados, 2011.

⁹¹ *Ibidem*, p. 168-176.

pelo semanal católico *A Cruz*. Assim, os articulistas do periódico presbiteriano fomentaram uma campanha que contrapunha o comunismo aos símbolos e à doutrina cristã:

Muito se tem escrito, no mundo, a respeito da atividade de que os chefes vermelhos na Rússia, sempre tiveram e continuam tendo, para com a religião. Adotando eles a opinião de Lenin - “a religião é o ópio dos povos” não se limitam apenas, a prender, assassinar e deportar os sacerdotes que, ainda hoje, trazem nos lábios e no coração os ensinamentos de Cristo. Iniciaram uma campanha continuada e sórdida contra todas as religiões, transformaram as igrejas em *cabarets* quebraram, as imagens dos santos nas ruas (...)92

O artigo acima, de julho de 1938, é uma republicação da “Agência Carioca”, mas reverbera a posição dos membros do jornal *A Pena Evangélica*, auxiliando na construção negativa do comunismo, em um período já marcado pelos levantes comunistas e pelo Estado Novo, acontecimentos que acentuaram a conjugação de distintos posicionamentos conservadores no Brasil e suas posições anticomunistas.

Os redatores da publicação presbiteriana cuiabana rejeitaram a via do autoritarismo no intervalo dos anos de 1936 e 1937, antes da acomodação do Estado Novo, se colocando em uma campanha contrária a movimentos de vinculação fascista como o integralismo. Tal campanha se articulou em conjunto ao anticomunismo e foi designada de: “Nem comunismo, nem integralismo”93. Houve também outros textos onde a campanha contra estas duas vertentes políticas se davam em conjunto, com dois artigos intitulados: “A Foice, o Fascio ou A Cruz? – Comunismo, Fascismo ou Christianismo?”94, neste caso o combate estava associado à defesa dos princípios cristãos, contra a “foice comunista” e a associação do integralismo com o fascismo. Todavia e contraditoriamente, *A Pena Evangélica* expressou em suas páginas apoio à instauração e às ações locais de intervenção do regime autoritário do Estado Novo, liderado por Getúlio Vargas95.

Imerso nessas posições políticas, os redatores dos periódicos *A Cruz* e *A Pena Evangélica* auxiliaram na construção mitológica anticomunista fundada em tons moralizantes. Ambos os jornais, em defesa da instituição familiar e da fé, marcando posições bastante

92 *Na Rússia, os comunistas realizaram um Juri para julgar Deus! - aspectos deprimentes da luta contra as religiões (Comunicado da Agência Carioca). A Pena Evangélica. Órgão semanário de propriedade da Primeira Igreja Presbiteriana de Cuiabá, Cuiabá, 16 jul. 1938, Caderno 562, p. 5.*

93 Edições: 465 de 05/09/1936; 472 de 24/10/1936 e 546 de 26/03/1938.

94 Edições: 476 de 28/11/1936 e 477 de 28/11/1936.

95 Cf. ADÃO. Rafael. *Anticomunismo e suas construções mitológicas na imprensa político-religiosa de Cuiabá (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFMT, 2017, p. 192-196.

conservadoras, exprimiram a defesa de uma sociedade assinalada por diferenças hierárquicas. Contraindo-se, dessa maneira, não apenas aos projetos revolucionários igualitários e de emancipação das bases sociais, mas também à instituição de mudanças estruturais que instabilizassem suas representatividades sociais e políticas.

Os enunciados dos membros dos dois jornais religiosos aqui tratados entendiam que a ameaça de uma possível instauração do comunismo no país era real e possível de se concretizar, principalmente após os levantes comunistas de 1935. Mas tal temor também era propagado de maneira vantajosa em relação a seus interesses, forjando o comunista, em diversas publicações, como o “conspirador de ilusões”, a “figura do ateu”, “promotor da desordem” e “desmantelador da sociedade cristã”.

Assim, sob a perspectiva dos estudos de Raoul Girardet, os jornais aqui pesquisados, persistentemente retratam os comunistas como uma organização conspiratória que agiria dentro de uma “manipulação multidimensional”, capaz de operar e promover uma “gigantesca rede de controle e de informação”. A atuação dos agentes comunistas não estaria restrita apenas aos espaços políticos e governamentais, mas sua expansão e influência se efetivaria como um sistema conspiratório. Desse modo, sua ação se perpetuaria “em todos os domínios da vida coletiva, quer se trate dos costumes, da organização familiar, como também do sistema educacional ou dos mecanismos econômicos.”⁹⁶

O alcance nefasto dos “homens do complô”, atuando de forma influente sobre a família, as mulheres, as crianças, a educação, a imprensa e os bancos, promoveria a corrupção e o afrontamento dos bons costumes. Uma verdadeira dissolução de princípios que levaria à “desagregação sistemática das tradições sociais e dos valores morais”.⁹⁷

Nos parâmetros desta conspiração, a sociedade soviética, instaurada na União Soviética, foi costumeiramente associada pelos discursos religiosos dos dois periódicos a uma incivilizada libertinagem, capaz de desvirtuar e condenar a cultura e a estrutura social. No mundo comunista, o divórcio, o adultério e a “libertação da mulher”⁹⁸ seriam propagados, proporcionando a destruição do casamento e, por consequência, da família.

Por esse ângulo, escritores do jornal religioso *A Cruz*, composto por uma redação exclusivamente masculina, argumentavam que a mulher deveria se voltar para as atividades

96 GIRARDET, Raoul. *Op. cit.*, p. 38-39.

97 *Idem*, p. 40.

98 *O Bolchevismo sem máscara. A Pena Evangélica*. Órgão Semanário de Propriedade da Primeira Igreja Presbiteriana de Cuiabá. Cuiabá, 06 fev. 1937, Caderno 487, p. 2.

domésticas e para o âmbito privado da família. Pois, para eles, o “papel” feminino teria uma função extremamente relevante na conformação de um modelo familiar tradicional e bíblico. Os redatores do impresso *A Cruz* compreendiam o Estado soviético como parte de um processo modernizador que permitiu a perdição da mulher ao afastá-la de suas tarefas e funções domésticas para, então, ser inserida dentro dos quadros de trabalho do proletariado⁹⁹. Como consequência de tais ações, haveria o desmantelando do tradicional lar cristão:

Uma intensiva mobilização das mulheres para empregos industriais, assignala a celebração do “Dia Internacional das Mulheres”. O Dia 8 de Março, ha oito annos, foi escolhido para realização dos “meetings” femininos, sob auspícios dos Sovietes. O dia é empregado na mais vasta propaganda e no trabalho educacional, em favor das mulheres. Entre o seu programma de trabalho do corrente anno o governo fez figurar o de retirar 1.600.000 esposas e filhas dos serviços domésticos para industria, a fim de fazer frente á falta de braços. (...) Os jornaes hoje salientam a necessidade de tirar as mulheres das cosinhas para as fabricas, como uma das tarefas governamentais, de maior urgencia. (...) Em centenas de villas os presidentes dos Sovietes são do sexo feminino. Os armazéns, escriptorios, theatros e outros logares publicos, estão decorados com bandeiras vermelhas, nas quaes estão escriptos lemmas de defesa do progresso das mulheres. Almejarão as mulheres brasileiras viver sob taes influencias modernizadoras do regimen sovietico, gozar o tal progresso e emancipação feminina, tão decantados pelos pregoeiros do communismo?¹⁰⁰

A notícia publicada pelos redatores de *A Cruz*, sem referência de fonte, mas que aparenta divulgar informações da imprensa soviética, traz o “Dia Internacional das Mulheres” como marco de uma série de ações e propagandas soviéticas visando a emancipação feminina. Trata-se, segundo a publicação, de um movimento modernizador do regime soviético que desemboca na ascensão da mulher em ambientes de liderança e de trabalho, então considerados estritamente masculinos.

Esse cenário reflete parte das aspirações da Revolução Russa e do comunismo, que abriram espaços para a atuação política e militante das mulheres¹⁰¹. Como ainda,

⁹⁹ Yasmin Jamil Nadaf expressa o modelo de mulher idealizado pelo intelectual católico e escritor José de Mesquita, através da interpretação do conto “Crucina (Ensaio sobre a mística do sofrimento)”, publicado no jornal católico *A Cruz*, entre março a julho de 1935. Segundo investigações de Nadaf, a personagem principal do conto seria a mãe de Mesquita, a Sra. Maria Cerqueira Caldas, que reflete na imagem de sua genitora um padrão ideal e apropriado. Tal referência indicaria a defesa da mulher voltada aos espaços domésticos, dedicada ao cristianismo, à caridade, submissas e sempre cheias de virtudes, docilidade e simplicidade. Uma evidente representação refletida nos contornos da Virgem Maria, tão comum ao catolicismo. Mesquita evidencia a afeição por essa representação feminina em depreciação e oposição à personagens de costumes mais contemporâneos e modernos. Cf. NADAF, Yasmin Jamil. *Crucina, de José de Mesquita*. Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso, n, 71, 2012, p. 76-79.

¹⁰⁰ *As mulheres na Russia*. *A Cruz*, Órgão da “Liga Catholica” da Archidiocese, Cuiabá, 13 dez. 1931, Caderno 1006, p. 1.

¹⁰¹ Jorge Ferreira afirma que o modelo feminino do comunismo revolucionário, das décadas de 1930 a 1950,

receptionaram as colaborações teóricas de grandes intelectuais femininas, a exemplo da polonesa Rosa Luxemburgo¹⁰² e da líder revolucionária russa Alexandra Kollontai – defensora da emancipação da mulher e de seu direito ao voto, bem como da igualdade de oportunidades e de rendimentos entre os dois sexos¹⁰³.

Aos olhos contemporâneos e mais progressistas, que assistiram e ainda contemplam de forma positiva a inserção da mulher no mercado de trabalho e das lutas feministas que ampliaram o poder e articulação da mulher dentro da sociedade, a notícia acima do jornal católico mais parece uma campanha positiva ao comunismo. Mas, em se tratando da época e das posições dos escritores do periódico católico, o que se perfazia era uma divulgação negativa de comportamentos e influências modernizadoras, demarcada pelos posicionamentos do catolicismo ultramontano frente a esses ideais.

Em análise da revista católica *A Ordem*, Carla Luciana Silva entende que a presença da mulher no mercado de trabalho, era interpretada pela Igreja Católica como o avanço do comunismo e de suas ideias sobre a sociedade brasileira. A instituição alegava que mulher deveria regressar e se limitar ao lar e para sua missão de mãe e esposa, do contrário, sua moral e saúde física estariam comprometidas¹⁰⁴. Nesse sentido, ocupar funções entendidas como “inerentemente masculinas” seria algo contra a virtude da mulher.

O comunismo, então, utilizaria o sexo feminino como instrumento de sua conspiração e de seu projeto de dominação. Como bem destaca Girardet, a mulher é no mito do complô: “Habilmente colocada a serviços dos poderosos deste mundo, é a ela que caberá a tarefa de destruir os lares, de dilacerar as famílias”¹⁰⁵.

também compartilhava de visões tradicionais da mulher enquanto exemplo de virtude moral, maternal, de sacrifícios, subordinação e abnegações. Contudo, o projeto comunista incentivava o engajamento das mulheres no cenário político e auxiliou as lutas femininas pela libertação da opressão social e a ampliação da cidadania da mulher. Cf. FERREIRA, Jorge. “Imagens femininas”. In: _____. *Prisioneiros do Mito – Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: MAUAD, 2002, p. 129-133.

¹⁰² Rosa Luxemburgo liderou a Liga Spartacus, ala revolucionária dos socialistas alemães, ao lado de Karl Liebknecht. Após a instauração da república na Alemanha, em 1918, os socialistas de direita dirigiram a socialdemocracia alemã e impediram a passagem do poder para os conselhos operários e soldados, a fim de implementar reformas graduais às instituições monárquicas e imperialistas. Então, os revolucionários espartaquistas deflagraram uma rebelião, em janeiro de 1919, mas após dominarem Berlim, a ação foi sufocada pela social-democracia com o apoio do exército imperial. Rosa Luxemburgo foi presa ao lado de Liebknecht, e logo depois, ambos foram assassinados pelas forças oficiais. Cf. BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis; ANDRADE, A. T. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. 2ª ed. Brasiliense: São Paulo, 1980, p. 189-194.

¹⁰³ RIBEIRO, Maria Rosa Dória. *As comunistas e o feminismo*. Revista Perseu: História, Memória e Política, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, n. ° 9, ano 7, 2013, p. 121-123.

¹⁰⁴ SILVA, Carla Luciana. *Op. cit.*, p. 94.

¹⁰⁵ GIRARDET, Raoul. *Op. cit.*, p. 41

Continuando com sua narrativa conspiratória os jornais aqui enquadrados, *A Cruz* e *A Pena Evangélica*, igualmente traziam o comunismo como uma expressão “sem Deus”¹⁰⁶ e irreligiosa, que atentava “contra a religião e a moral”¹⁰⁷. Seguidamente qualificado como um ateu sem escrúpulos, pecaminoso e imoral, onde os ataques a toda e qualquer religião seriam radicalmente potentes:

A campanha, contra as religiões tomou no território russo, aspectos ignobeis. Não raro promovem os comunistas “festejos”, onde as criaturas depravadas dão expansão aos seus sentimentos cínicos levantam-se forças e queimam se fogueiras, pendurando-se nas primeiras e aticando às segundas, as imagens de Cristo, de Budha e de Mahomet. E a orgia flutua. E os sorrisos sacrilégios abalam os espaços.¹⁰⁸

Destaca-se, dessa forma, que a consideração do comunista como ateu foi uma associação bastante instrumentalizada por essas duas vertentes religiosas. Porém, Guy Besse entende que as críticas de Karl Marx às religiões não são considerações baseadas no ateísmo, apesar de Marx ter acolhido algumas delas. O marxismo não objetiva extinguir a crença em alguma divindade, mas defende a luta dos homens por justiça social sob bases materiais e terrenas, sem a espera de uma intervenção divina ou sob os fundamentos alienantes de concepções religiosas.¹⁰⁹

Assim, apesar de adversários entre si, católicos e presbiterianos cuiabanos deram especial atenção ao enfrentamento de um outro oponente, o comunismo. Dessa forma, membros e leigos dessas duas instituições religiosas propagaram uma série de enunciados contra esse concorrente simbólico e secular, através, sobretudo, de referenciais da moralidade cristã.

Considerações finais

Dentro das análises pautadas das publicações de *A Cruz* e a *A Pena Evangélica*, em geral, o que se observa é a promoção de um simulacro de ideias e imagens com a finalidade de

106 *A religião e o Operariado – Conferencia na “Liga Catholica” – 11 de novembro de 1932, Pelo seu presidente José de Mesquita. A Cruz, Órgão da “Liga Catholica” da Archidiocese, Cuiabá, 11 dez. 1932, Ed. 1058, p. 1.*

107 SUTERA, Luiz. *Rússia Atéia. A Cruz, Órgão da “Liga Catholica” da Archidiocese, Cuiabá, 04 ago. 1930, Caderno 923, p. 1.*

108 *Na Russia, os comunistas realizaram um Juri para julgar Deus! - Aspectos deprimentes da luta contra as religiões (comunicado da Agencia Carioca). A Pena Evangélica – Órgão semanário de propriedade da Primeira Igreja Presbiteriana de Cuyabá. Cuiabá, 16 jul. 1938, Caderno 562, p. 5.*

109 BESSE, Guy. “O ateísmo nos nossos dias”. In: ARNAULT, J. et al. *Cristãos e comunistas*. Paris. Publicações Europa, 1976.

desqualificar esse *outro*, o comunista, revestindo sobre este uma série de imagens depreciativas. O emprego dessas imagens refletiu, em relevante medida, uma narrativa conspiratória e mitológica, seguindo parâmetros apontados pelos estudos do teórico Raoul Girardet, estimulando o temor e a irracional oposição contra uma possível difusão de proposituras comunistas junto aos trabalhadores brasileiros.

Contudo, esses dois combatentes cristãos apesar de terem constituído proximidades, distinguiam-se quanto às suas motivações e eram tecidos de certas particularidades das duas vertentes religiosas. De um lado teve-se o catolicismo brasileiro e mato-grossense, em conjugação com o neotomismo e os valores ultramontanos, que ambicionavam reinstaurar a presença católica junto ao Estado e reestruturar seu monopólio religioso. Em outra posição, o presbiterianismo influenciado pelos princípios do calvinismo e das missões protestantes anglo-saxãs, planejava conquistar novos adeptos, recorrendo à defesa das concepções modernas e liberais, mas totalmente contrários às novas expressões sociais e políticas revolucionárias.

Na esperança de arregimentar opiniões, ações e sentidos, em meio à turbulência de novas disputas e acontecimentos, tais agentes utilizaram-se das páginas de seus jornais para imprimir seu desejo de expansão e de influência junto aos poderes constituídos. E perante o cenário de instabilidades sociais e políticas da década de 1930 e em associação ao domínio Vargasista, compartilharam e ajudaram a edificar narrativas e fontes mitológicas em negação ao comunismo. Em suma, e de forma conveniente, suas campanhas anticomunistas objetivaram desqualificar as expressões políticas e sociais de contestação da moralidade cristã e de uma sociedade marcada pela desigualdade e pela subordinação dos trabalhadores, controlados rigidamente por uma tradição política autoritária e conservadora.